



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE LETRAS**

SERIA ANGOLA UM ESTADO GENOCIDA?

Um paralelo entre a História de Angola
e o romance

O DIA EM QUE ZUMBI TOMOU O RIO,

de autoria de

José Eduardo Agualusa

Trabalho apresentado no Instituto de Letras da
Universidade Federal da Bahia, como requisito
para conclusão da disciplina LETA 67 – Estudos
Comparados em Literatura de Países de Língua
Portuguesa, solicitado pelo
Prof. Jesiel Ferreira de Oliveira Filho

Salvador
2019.1

O objetivo deste ensaio é fazer um estudo comparativo entre o romance “O Ano em que Zumbi tomou o Rio”, de autoria de José Eduardo Agualusa, e a História angolana, tentando-se identificar personagens que podem ter sido inspirados em criaturas reais, além de fatos vinculados ao contexto político, pois a leitura do romance nos deu oportunidade de conhecer um pouco da História do país africano. Justifica-se fazer tal investigação, porque na obra de Agualusa (2008), os acontecimentos que se referem a Angola aparecem em fragmentos e em personagens fictícios. Portanto, a tentativa de vincular os fragmentos do texto à realidade político/social poderá contribuir para um melhor entendimento da trama. Como metodologia, optamos por pesquisar fatos marcantes da História que podem estar vinculados ao romance.

Primeiramente, discutimos a trajetória de três indivíduos que tiveram papel importante na política angolana: Agostinho Neto, Mário Pinto de Andrade e José Eduardo dos Santos. Foram protagonistas de acontecimentos que provavelmente serviram como pano de fundo para o romance.

Agostinho Neto (Ícolo e Bengo, Angola1922- Moscou1979), médico, político e poeta, teve uma atuação decisiva na independência de Angola que ficou conhecida como guerra colonial portuguesa¹. Havia sido preso pelo regime salazarista e liderado o Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA). Com a Revolução dos Cravos e queda do regime ditatorial em Portugal em 1974, o MPLA assina o cessar-fogo da Guerra de Independência de Angola com o novo regime português que reconhece o direito das colônias à independência. Em 1975, Agostinho é recebido em Luanda onde é acordado estabelecer um governo de transição que inclui o MPLA, representantes de Portugal, a FNLA (Frente Nacional para Libertação de Angola) e a UNITA (Unidade Nacional para a Independência Total de Angola). A FNLA declara guerra ao MPLA. Iniciam-se os conflitos. Agostinho Neto lidera o MPLA na proclamação da independência contra as forças portuguesas, contra a FNLA, e contra a UNITA. Em 1975 Angola é declarada independente e Agostinho Neto é proclamado seu primeiro presidente. Com apoio do bloco socialista (União Soviética e Cuba), estabelece um regime monopartidário inspirado no modelo então praticado nos países do Leste Europeu. Antes de sua morte em 1979, o MPLA já havia se consolidado em Angola².

Por sua vez, Mário Pinto de Andrade (Angola 1928-Londres 1990) foi também um incansável lutador pela independência de seu povo que o levou a primeiro presidente do MPLA. Forçado ao exílio em 1974, por questionar a ditadura do partido único imposta pelo MPLA, inicia um périplo pelo mundo que só termina com sua morte quinze anos depois (BUALA não

¹ Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Agostinho_Neto, acesso em 25 de abr. 2019.

² Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Angola>, acesso em 25 abr. 2019

datado³). Aos 20 anos de idade, mudara-se para Lisboa, a fim de estudar Filologia Clássica. Iniciou em seguida um período de fértil contatos com revolucionários e nacionalistas das então colônias. Juntamente com Agostinho Neto, Amílcar Cabral (da Guiné-Bissau) e outros, funda o Centro de Estudos Africanos. Em 1954 exila-se em Paris onde se relaciona com o restante círculo africano de nacionalistas e dirige até 1958 a revista *Présence Africaine*. De volta a Angola, preocupa-se com o que considerava a deriva totalitária do MPLA, criando dentro do partido a facção Revolta Ativa que ganha maior expressão depois da libertação, em 1975. Neste processo muitos críticos são perseguidos e presos. Andrade foge de Angola para onde nunca mais regressaria. É acolhido na Guiné Bissau. Depois de um golpe de estado naquele país, volta a exilar-se numa viagem que nunca mais terminaria. Passa por Portugal, França, Moçambique e Inglaterra onde morreu em 1990. (Ibid, não datado).

José Eduardo dos Santos (Luanda 1942-) foi o segundo presidente de Angola, depois de Agostinho Neto. Governou por quase quarenta anos de 1979 a 2017. Com a morte de Agostinho Neto, em 1979, foi eleito presidente da República e comandante-em-chefe das FAPLA (Forças Armadas Populares de Libertação de Angola). O maior problema com qual teve que lidar foi o conflito contínuo com seu maior rival e movimento de libertação, a UNITA, liderada por Jonas Savimbi e apoiada pela África do Sul e os Estados Unidos. Devido ao apoio da União Soviética e Cuba ao MPLA, os Estados Unidos e África do Sul apoiaram a UNITA como forma de limitar a expansão da influência soviética na África. Em 1992, após 16 anos de conflito que matou até 300.000 pessoas, realizou-se uma tumultuada eleição, quando Santos venceu o adversário Savimbi. A UNITA não reconheceu os resultados eleitorais e retomou de imediato à Guerra Civil. Em um dos conflitos, conhecido como Massacre de Outubro, centenas de manifestantes da UNITA foram mortos pelas forças MPLA. A Guerra Civil Angolana só terminaria em 2003 com a morte violenta de Savimbi⁴.

No início dos anos 90, Santos abandonou progressivamente a ideologia marxista e estabeleceu uma economia liberal de mercado livre em Angola, com o objetivo de colocar o país no caminho para se tornar a terceira maior economia da África subsaariana depois da África do Sul e Nigéria⁵. Como o país é rico em recursos naturais, incluindo o petróleo e diamantes, tornou-se bastante atrativo aos investidores estrangeiros.

Santos tem sido frequentemente associado à grande corrupção e ao desvio de recursos do petróleo. Sua família é detentora de um imenso patrimônio, que inclui casas nas principais

³ BUALA. Portal transdisciplinar e colaborativo que deve o seu nome à palavra de origem quimbundo usada em Angola no sentido de bairro, periferia, valorizando a ideia de comunidade, disponível em <http://www.buala.org/pt/a-nossa-buala>. Acesso em 22/06/2019

⁴ https://pt.wikipedia.org/wiki/Jos%C3%A9_Eduardo_dos_Santos

⁵ Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Jos%C3%A9_Eduardo_dos_Santos. Acesso em 23 jun. 19.

capitais europeias, participações em grandes empresas, *holdings* em paraísos fiscais – um patrimônio acumulado ao longo de décadas de exercício do poder. Seus oponentes o acusam de ignorar as necessidades sociais e econômicas de Angola, ao mesmo tempo em que reprime a oposição ao seu governo. A nova constituição de 2010 abandonou os princípios da divisão de poderes legislativo, executivo e judiciário, concentrando o poder efetivo no presidente⁶.

Durante a sua estadia na União Soviética, Santos casou-se com Tatiana Kukanova, natural do Azerbaijão, de quem se divorciou mais tarde. Deste casamento teve uma única filha, Isabel, que viria a se tornar a mulher mais rica da África. Santos tem dez filhos de diferentes casamentos e relações⁷.

Através de fatos marcantes na vida de três personagens reais, pode-se entender o passado do protagonista Francisco Palmares e do pai Feliciano Palmares, ambos os personagens supostamente fictícios. Sabe-se que Feliciano havia se juntado aos guerrilheiros de Agostinho Neto em Brazzaville e só reencontrou a família depois que os militares portugueses derrubaram a ditadura salazarista (AGUALUSA, 2008, p.15). Decepcionado com o rumo da política angolana, ele volta a viver em Portugal:

A desgraça de Angola principiou, segundo ele, no dia da Independência, a 11 de novembro de 1975, quando o movimento decidiu promover a ministros, embaixadores, assessores, os marginais semi-analfabetos dos musseques. Feliciano Palmares foi simpatizante da Revolta Ativa⁸, grupo de intelectuais, entre os melhores no movimento, que se atreveu a contestar a liderança de Agostinho Neto [...]. Após a independência, para escapar ao destino de muitos dos seus companheiros, presos e torturados, exilou-se em Lisboa, montou um consultório de cardiologia e nunca mais regressou a Angola (AGUALUSA, 2008 p. 38)

Nesse trecho, Agualusa mostra a adesão do personagem Feliciano Palmares à facção Revolta Ativa criada por Mário Pinto de Andrade que se atreveu a contestar a liderança de Agostinho Neto.

Em 1982, aos 22 anos, Francisco Palmares decidiu regressar a Angola e alistar-se nas Forças Armadas (AGUALUSA, 2008 p.99), apenas para contrariar o pai (Ibid, p.20). Tornou-se coronel do Ministério da Segurança do Estado de Angola e, depois de alguns anos a serviço da revolução, teve que fugir por razões políticas. Aos 37 anos, no Rio de Janeiro, torna-se fornecedor de armas dos narcotraficantes. A história de Angola é base para a construção do protagonista fictício.

Já o personagem Euclides de Matoso Câmara pode ter sido inspirado em Mário Pinto de Andrade (ANOTAÇÕES de aula, 2019). Euclides é um jornalista angolano (negro, anão e homossexual) vivendo no exílio, pois fora perseguido em Angola, possivelmente por ter

⁶ Idem

⁷ Idem

⁸ Grifo nosso.

criticado o presidente eleito em 1992 (naturalmente inspirado em Santos). Tentou voltar a Angola em 1994: “Euclides conta que em 1994 regressou clandestinamente a Angola, via Kinshasa, capital do antigo Zaire, hoje Congo, num avião pirata a serviço da guerrilha, para uma reportagem destinada a um jornal português” (AGUALUSA, 2008, p. 158). Quando morava no Rio de Janeiro, é procurado por um agente do governo de Angola que tinha a intenção de mandar executá-lo. Terminada a rebelião no Rio de Janeiro, muda-se para Lisboa. No final do romance está em Budapeste a passeio. Demonstra sua decepção com os regimes socialistas ao fazer uma crítica ao hotel onde estava hospedado:

Achei os quartos sujos. O principal restaurante não funciona durante o inverno. A grande piscina no terraço também não. Vigora uma espécie de desleixo socialista, sabes? Como eu conheci em Angola, noutros tempos, quando nada era de ninguém e portanto ninguém se preocupava com nada (AGUALUSA, 2008 p. 289)

Suas semelhanças com Pinto de Andrade estão no campo das ideias. Ambos tinham a escrita como profissão; foram obrigados a deixar Angola; viveram em diferentes países; foram perseguidos pelo governo angolano e se decepcionaram com o regime implantado no país.

O personagem Monte, chamado de “o grande inquisidor”, pode ter sido construído a partir dos agentes trabalhando na máquina de repressão montada pelo presidente Santos, pois trabalhara no Ministério da Segurança do Estado de Angola, onde conhecera Francisco Palmares. Vai ao encontro deste com o objetivo de fazê-lo desistir de apoiar a rebelião no Rio de Janeiro. Acaba voltando para Angola.

Florzinha, a autêntica, provavelmente inspirada em Isabel, filha de Santos, havia sido amante de Francisco Palmares.

Dentre as tramas secundárias, Agualusa (2008) cria um mistério envolvendo Florzinha. Palmares havia escondido, na casa de seus pais em Portugal, documentos comprometedores para o governo contra o qual se rebelou. Revelou isso a Florzinha. O fato acabou caindo no ouvido dos dirigentes de Angola quando Palmares já estava no Rio de Janeiro. A casa dos pais dele é invadida e o protagonista é perseguido por Monte, a mando do presidente angolano (inspirado em Santos). Ao voltar para Angola depois da temporada no Brasil, Monte tenta matar o presidente, que se transformara em um tirano⁹. Não se importa de ser morto pelos guardas depois do crime. Não fica claro se isso acontece (p. 250), mas o fato é que o presidente morre (p. 205). Euclides conta a Palmares que o presidente havia sido encontrado morto por Monte, e que ele poderia voltar para Angola. Mas isso não interessa a Palmares, que nem acredita mais na democracia angolana.

⁹ Na vida real José Eduardo dos Santos sofreu um atentado e os suspeitos são executados por sua polícia

Em Angola, Monte entrega os papéis a Florzinha, cujo conteúdo a assusta. Relata a morte da mãe dela, estuprada na praia e degolada. Era uma mulher idealista, comunista, que, com o tempo, tornou-se incômoda ao sistema. A personagem pode ter sido inspirada em Tatiana Kukanova. Sua morte foi uma queima de arquivo, supostamente a mando do próprio marido, que no romance é também bastante mulherengo, tal como Santos. Entretanto na vida real, a história é diferente. Embora separados, Santos e Tatiana Kukanova continuam vivos.

Na História de Angola, identificam-se fatos coerentes com as ideias de Mbembe (2016), segundo o qual o exercício da política está estreitamente vinculado à violência. Os dois presidentes, tanto Agostinho Neto quanto Santos exerceram o biopoder, o direito de matar para se manterem no poder. Por sua vez, o idealista Mário Pinto de Andrade por não aceitar as práticas do permanente estado de exceção em que se encontrava Angola, é obrigado a se exilar. Não abandona suas utopias.

Mbembe (2016) observou que diferentemente da metrópole, as colônias não estavam sujeitas a normas legais e institucionais. Mesmo depois da independência, Angola vive em permanente estado de exceção onde os direitos humanos fundamentais não são respeitados. A transição de um regime colonial para um estado democrático de direito é complexa e não se dá apenas com a expulsão do colonizador. Com 190 milhões de habitantes, cerca de 70% da população de Angola vive com menos de dois dólares por dia, enquanto Santos e sua família acumularam uma imensa fortuna, que inclui participações nas principais empresas do país, bem como em grandes empresas estrangeiras (MFONOBONG, 2012). Em Angola todos têm direito à saúde e educação pública, mas em condições muito precárias (Ibid, 2012).

Seria Angola um estado genocida? Seria diferente se o vencedor tivesse sido Mário Pinto Andrade e não Agostinho Neto ou José Eduardo dos Santos? As ideias de Andrade seriam factíveis no mundo real? Ou são utopias a serem buscadas e nunca alcançadas? Poderá ser diferente no futuro?

Referências

AGUALUSA, José Eduardo. **O ano em que Zumbi tomou o Rio**. Rio de Janeiro: Gryphus, 2008.

ANOTAÇÕES de aula. 19 de junho de 2019

BUALA, Mário Pinto de Andrade. Não datado. disponível em <http://www.buala.org/pt/a-nossa-buala>. Acesso em 22/06/2019

MBEMBE, Achille. Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte. **Arte & Ensaios**. Revista do ppgav/eba/ufrj, n. 32, dezembro 2016.

MFONOBONG, Nsehe. **The five worst leaders in Africa**. Forbes Daily Dozen: Feb. 2, 2012. Disponível em <https://www.forbes.com/sites/mfonobongnsehe/2012/02/09/the-five-worst-leaders-in-africa/#1df5c1fc4dda>. Acesso em 23 jun. 2019